

EDUCAÇÃO FÍSICA E EJA NO BRASIL: HISTÓRIAS QUE SE ENTRECruzAM NO HORIZONTE DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO HUMANA [Maria Cecília da Silva Camargo, Maria da Conceição dos Santos Costa, Rosa Malena]¹

Adriana Machado Penna²

A virulência propagada pelas práticas negacionistas do governo Bolsonaro afeta não apenas a saúde da classe trabalhadora, mas a sua possibilidade de sobrevivência. Em meio a esse retrocesso, ampliam-se as denúncias de fechamento de escolas, sobretudo de escolas voltadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Este processo atua, entre outros aspectos, para naturalizar a “redução de turmas, [e] impossibilidade de matrículas para a EJA”, a exemplo do ocorrido em janeiro de 2020 no estado do Rio Grande do Sul (BALDO, 2021). Esta é apenas uma parte da história da EJA no Brasil. Porém, mais do que resistir aos ataques de um governo que age ao compasso da violência contida na atual fase capitalista, faz-se necessário marcar posição e agir na contramão do *establishment*. Assim, é preciso dizer que sempre existiu, existe e continuará existindo um processo vigoroso de luta contra a negação do acesso à escola pública, ao conhecimento científico (com todas as suas contradições!) e à vida da classe trabalhadora.

O capitalismo, ao alçar mais um patamar de expansão, nos ameaça dia após dia. Insiste em nos fazer acreditar que não há quaisquer chances da construção de um futuro preñado de história e de possibilidades humanas e verdadeiramente livres! De minha parte, continuo negando esta fábula, me colocando coletivamente na busca da sua superação.

¹ Resenha recebida em 04/08/2021. Aprovada pelos editores em 13/08/2021. Publicado em 11/11/2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.51082>.

² Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Niterói – Rio de Janeiro – Brasil. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Trabalho e Educação – NUPETE. E-mail: adrianapenna@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5485-7785>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4001142271622004>

No presente texto, apresento a resenha do livro **“A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Experiências da Realidade”**, publicado em 2021 e organizado por Maria Cecília da Silva Camargo³, Maria da Conceição dos Santos Costa⁴ e Rosa Malena de Araújo Carvalho⁵. O livro tem como fio condutor a tarefa de relacionar as contribuições dadas pela Educação Física (EF), a partir da perspectiva histórica da cultura corporal e da atividade humana em contato direto com a EJA (Educação de Jovens e Adultos). O compromisso coletivo assumido entre as organizadoras e os autores dos capítulos que compõem o livro amplifica-se frente àquilo que é essencial, diante da conjuntura pandêmica instalada pela COVID-19 e impulsionada pelo negacionismo obscurantista do bolsonarismo e de sua política de boicotes, responsáveis por ceifar milhares de vidas, à medida que lhes foram negadas a imunização pela vacina.

É nesse sentido que as organizadoras afirmam que a conclusão desse projeto representa um “ato de resistência”. Muito embora se tratasse de um projeto de fôlego desde sua origem, o projeto alçou um novo patamar, qualitativamente mais alto, sobre o qual foi possível a identificação das contradições políticas, econômicas e ideológicas adensadas pela “onda avassaladora que se levantou contra a classe trabalhadora nesse país”, cenário “agudizado no ano de 2019” (p. 15).

Os desdobramentos dessa luta engendrada pela EJA ganham força no prefácio do livro, construído pelo professor Miguel Arroyo, ao defender que a EF (Educação Física) precisa buscar a expressão das identidades dos corpos os quais, por meio das artes, da literatura, da música, do cinema, da poesia, transportam suas “marcas-memórias-vivências”.

O livro está organizado em cinco seções, cada qual representando uma região do país. No texto da primeira seção, região Centro Oeste (p. 20), a autora recorre aos

³ Licenciada em Educação Física pela Universidade de São Paulo - USP, mestre e doutora pelo PPGCMH/UFRGS - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É docente associada e pesquisadora no CEFD/UFSC - Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

⁴ É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará - UFPA, licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará - UEPA e em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Atua como docente do Curso de Educação Física do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará - UFPA.

⁵ Graduada em Educação Física pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF e doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É coordenadora do curso de Especialização em Educação Física Escolar no Instituto de Educação Física, sendo docente no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense.

elementos históricos da formação social do Brasil ao discorrer sobre o processo de formação da força de trabalho, do qual o sujeito da EJA é expressão direta. Entende que, ao se desenvolver junto à EJA, cabe à Educação Física - EF “ensinar e reproduzir” o saber sistematizado e “a cultura corporal”, “como forma revolucionária de instrumentalizar os trabalhadores com as ferramentas necessárias à sua emancipação enquanto classe” (p. 24, grifos do autor).

Chegando à região Nordeste (p. 29), são apresentados dois textos. No primeiro, os autores levantam aspectos da realidade de crianças, jovens e mulheres em áreas de reforma agrária no estado da Bahia, no Pré-assentamento Recanto da Paz, localizado no município de Dias D’Ávila, divisa com a Mata de São João. Relatam as experiências promovidas pela disciplina ACC – Ações Interdisciplinares em Áreas de Reforma Agrária, constituída no âmbito do LEPEL⁶ (p. 35), tendo no conhecimento clássico, científico e acumulado pela história humana o foco do projeto. Assim, os autores destacam a necessária formação de militantes “desde a mais tenra idade”. À EF coube o papel do ensino sistematizado, “com consistente base teórica, **acesso à cultura corporal**, consciência de classe, formação política e autodeterminação para a organização revolucionária” (p. 32, 37).

No segundo texto desta seção, os autores constatarem que apesar das contradições presentes no percurso da educação brasileira, as conquistas históricas não podem ser esquecidas. Estas se apresentam como um “ponto de subversão”, o qual pode detonar o “desejo de retomada dos estudos ou permanência na escola”. No entanto, as autoras argumentam que esse “desejo pulsante” pode ser represado pelos “encaminhamentos pedagógicos organizados sistematicamente” (p. 50), expressos desde a organização curricular e didática, até a estrutura física e as relações sociais reproduzidas na escola.

Chegando à região Norte, o livro apresenta mais dois textos. O primeiro retrata as experiências forjadas desde o período inicial de formação de um futuro professor de EF, na UFAC, até a sua inserção nas relações de trabalho junto à Secretaria de Educação do Estado do Acre. Entre as experiências, fez-se presente um “efeito desanimador” quando esse professor pôde observar a “notória desvalorização das aulas práticas no ensino de Educação Física na EJA na cidade de Rio Branco (...)” (p.

⁶ Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA).

70). Suas experiências o fizeram perceber que todas essas contradições fazem parte da “identidade de professor” (p. 73), a qual tem na formação acadêmica um “ponto inicial” (p. 77).

Ainda representando a região Norte, temos mais um texto. Sua autora parte das contradições da crise estrutural capitalista, com destaque para as implicações sobre a formação e o trabalho docente. O capítulo é um “recorte da pesquisa exploratória” sobre o trabalho docente em EF na EJA, com especificidade para os “espaços públicos e formativos das redes de ensino no município de Belém – Pará” (p. 81). Os docentes pesquisados fazem parte de um contexto no qual “enfrentam o desmonte das escolas públicas e a precarização do trabalho docente”. O ensino na EJA, nesse contexto, “é vinculado como campo a servir o mercado como mão de obra barata”, contribuindo para a perpetuação de “uma concepção tecnicista sobre o ensino e organização da educação” (p. 83) a reboque da Teoria do Capital Humano. Na contramão das práticas dominantes, a autora defende que a EF e a EJA “são campos de direitos inalienáveis” (p. 85) a serviço da classe trabalhadora. Segundo a autora, os docentes da EF na EJA precisam assumir uma postura crítica frente à realidade, inclusive para buscar unidade entre a luta dos docentes em seus sindicatos, movimentos sociais etc., pela garantia e defesa da EJA na Amazônia Paraense.

Chegando à região Sudeste, o texto relata as experiências de seu autor como professor de EF da EJA na rede municipal de BH. Enfatiza as “marcas” históricas, sociais e de classe que acompanham os sujeitos da EJA, sendo imprescindível ao docente “entendê-las” (p. 100). Nesse sentido, a autora discute o “lugar do corpo na EJA” por meio de aspectos relativos à memória e à experiência tributárias no “processo de ensino e aprendizagem” (p. 101).

Ainda na seção Sudeste o livro conta com mais dois textos. Entre eles, temos o relato da experiência vivida pelo autor na escola Prof. Armando Serafim de Oliveira, no município do Vitória – ES, voltada ao Ensino Fundamental na modalidade da EJA. O objetivo é apresentar a interdisciplinaridade como potencializadora das aulas de Educação Física e Ciências, pautando a discussão da saúde e seu impacto na vida. O autor destaca a postura da escola como produtora da “sua própria cultura, distinguindo-se significativamente das demais” (p. 114), o que contribuiu para uma nova postura assumida pelos estudantes, ao perceberem que podem ser produtores de suas próprias vidas.

No último texto desta seção, a autora destaca a aproximação entre as ideias de EF, de corpo e de cultura que norteiam as escolas, indicando que esses elementos devem estar presentes na EF como um “lugar privilegiado para aprendizagens sobre o corpo” (p. 127). Segue problematizando sobre “quais corporeidades os alunos revelam nos ambientes escolares” e, ao mesmo tempo, indaga como essas “corporeidades” são tratados por nós, professores, nos currículos da escola básica e da universidade. Assim, ao assumir o “movimento curricular como **processo**”, posiciona-se a favor de uma “concepção de currículo que aproxime os sujeitos de suas experiências”; um currículo constituído na indissociabilidade entre “as dimensões do micro e do macro (p. 129-130, grifo da autora). Movida pela perspectiva de “invenção e criação”, por meio do “estudo da corporeidade”, a autora relaciona sua práxis docente aos projetos de ensino, pesquisa e extensão vinculados tanto à formação de professores de EF, quanto à EJA, tendo por fio condutor a “**cultura corporal** e a *noção de corporeidade*” (p. 135-136, grifos da autora).

Chegando à Região Sul, o livro apresenta seus dois últimos textos. No primeiro, os autores expõem o resultado de uma pesquisa realizada entre 2009 e 2011, da qual participaram estudantes da EJA de uma escola da rede municipal de Porto Alegre. A pesquisa destaca as representações dos “estudantes-trabalhadores” ao expressarem qual é o sentido para as suas vidas da “Educação Física na escola regular e na EJA” (p. 143). Observaram o fenômeno da manutenção do conservadorismo na EF, o que ficou marcado fortemente nos relatos dos estudantes. Fenômeno que intensifica as contradições que a atravessam a EF, à medida que nega o trato “da cultura corporal do movimento humano na escola” (p. 158).

No segundo texto desta última seção, os autores trazem os resultados de sua pesquisa realizada entre 2010 e 2016, demonstrando as relações entre a EF e o currículo da EJA em escolas da rede pública, do município de Santa Maria (SM) / RS. A questão “De que corporalidade estamos falando quando se trata de estudantes expostos a essas condições ?” (p. 171) (condições de avanço da exploração nas relações de trabalho), atravessa todo o capítulo. As autoras denunciam o caráter pragmático conferido historicamente à EJA, fazendo da EF “um componente supérfluo” (p. 170), o que reforça a falta de reconhecimento histórico sobre a EF e, ao mesmo tempo cristaliza estereótipos sobre o professor de EF.

Por fim, vale ressaltar que os diversos autores que compõem o livro ora resenhado fundamentam-se em concepções teórico-metodológicas que indicam divergências de caráter didático-pedagógico, às quais também se expressam em algumas posições político-ideológicas. Mas, sem dúvida, todas as posições se levantam em defesa do direito de acesso à Educação Pública; de ocupação da escola pelos trabalhadores e trabalhadoras, jovens e adultos impulsionados por suas histórias de lutas, conquistas e anseios em busca de apreender o mundo para a transformação da sua vida, no horizonte da emancipação do conjunto da classe trabalhadora.

Referências

BALDO, Ana Maria. **Desmonte pandêmico: o caso da EJA no Rio Grande do Sul, sob o governo de Eduardo Leite.** Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/desmonte-pandemico-o-caso-da-eja-no-rio-grande-do-sul-sob-o-governo-de-eduardo-leite>>. Acesso em: 21 julho 2021.

CAMARGO, Maria Cecília da Silva; COSTA, M^a da Conceição dos Santos; CARVALHO, Rosa Malena de Araújo. **A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Experiências da Realidade Brasileira.** Editora UFSM. Santa Maria, RS, 2021.